

# PERIFERIA DA ZONA SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO (BRASIL) E DE BOGOTÁ (COLÔMBIA)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Magda Adelaide Lombardo  
Universidade de São Paulo  
lombardo@rc.unesp.br

Larissa Lucciane Volpe  
Universidade de São Paulo  
lucciane@usp.br

Msc. Amanda Ramalho Vasques  
Universidade de São Paulo  
amandav@usp.br

## RESUMO

Este artigo trata da problemática da degradação ambiental e social ocasionada por ocupações irregulares nas metrópoles, estabelecendo um paralelo entre duas grandes cidades: São Paulo, capital do estado de São Paulo no Brasil; e Bogotá, capital da República da Colômbia. Na metrópole paulista, em bairros de alto padrão, a qualidade de vida é mais valorizada contando com maior porcentagem de áreas verdes, construções de alto padrão e facilidade de acesso aos serviços e comércios; enquanto nos bairros mais pobres, verifica-se situação contrária. Na metrópole de Bogotá, a situação é semelhante ao Brasil no que diz respeito ao processo de urbanização, ocupações irregulares e degradação ambiental, sendo muitos os fatores que resultam neste cenário. Uma análise abordando questões relacionadas a ocupações irregulares e degradação de metrópoles latino-americanas pode subsidiar políticas públicas no que se refere ao planejamento urbano em grandes cidades no Brasil.

**Palavras-chave:** Periferia, São Paulo, Bogotá, qualidade de vida

## ABSTRACT

This paper treats the problematic about the environmental and social degradation caused by irregular occupations in the metropolises, doing a parallel among two cities: São Paulo, capital of the state of São Paulo in Brazil; and Bogotá, capital of the Republic of Colombia. In the metropolis of São Paulo, in high pattern neighborhoods, the life quality is more valued due to larger percentage of green areas, constructions of high pattern and access to services; while in the poorest neighborhoods, contrary situation is verified. In the metropolis of Bogota, the situation is similar to Brazil in it respects the urbanization process, irregular occupations and environmental degradation, being many the factors that results in this scenery. An analysis of the irregular occupations and ambient degradation of Latin American metropolises can assist public politics of urban planning in Brazilian cities.

**Keywords:** Periphery, São Paulo, Bogota, life quality

---

## Introdução

O século XX no Brasil, principalmente a partir da década de 50, é marcado por uma intensificação no processo de urbanização devido ao desenvolvimento industrial. Segundo Santos (1981,p.7), a urbanização em países subdesenvolvidos foi mais recente e mais rápida, efetuando-se num contexto econômico e político diferente dos países desenvolvidos. [...] De 1950 a 1960, a população urbana aumentou 59,3% nos países subdesenvolvidos e apenas 31% nos países desenvolvidos (p.9).

Metade da população mundial vive atualmente em cidades, enquanto essa proporção era de apenas 1,7% no início do século XIX. Já em 1950, esse percentual alcançaria 21%, passando para 25% em 1960, 37,4% em 1970 e cerca de 41,5% em 1980 (SANTOS, 1981).

As estatísticas também demonstram ser o crescimento urbano bem mais acelerado nos países em desenvolvimento e, em especial, na América Latina [...] este crescimento urbano acelerado não pode ser explicado apenas pelo crescimento vegetativo da população, mas principalmente pelo êxodo rural. Este, não resultará apenas na expansão das grandes metrópoles e capitais regionais, mas também será responsável pelo surgimento e evolução de inúmeras cidades de médio e pequeno porte (COPSTEIN, 1987).

A população urbana brasileira também cresce devido a movimentos migratórios internos (êxodo rural) e estrangeiros. O êxodo rural na América Latina deve-se, em grande parte, ao desequilíbrio econômico entre a cidade e o campo, principalmente após a 2ª Guerra Mundial com o investimento no setor industrial e a baixa na produção agrícola. Por outro lado, neste processo, alguns proprietários de terra conseguiram novos investimentos em sua produção agrícola, o que fez surgir novos latifúndios com novas tecnologias, e que também expulsou trabalhadores do campo para a cidade.

Grande parte da população do campo segue para as cidades em busca de oportunidades, empregos, facilidade de consumo e conforto que os centros urbanos aparentemente podem oferecer. Mas grande parte da mão-de-obra que vem do campo não é absorvida por necessitar, muitas vezes, de pessoas qualificadas. As cidades começam a inchar a medida que recebem migrantes sem alterar adequadamente a infra-estrutura. Dessa forma, a população excedente encontra-se desempregada e buscam sobreviver às margens da sociedade em locais mais afastados.

As cidades, segundo Lombardo (1995) estão abarrotadas de indivíduos mal qualificados para as funções urbanas; são bairros e favelas de marginalizados da vida cidadina, que se formam e deformam todos os dias.

Em 1980, a população brasileira era de aproximadamente 119.000.000, atingindo aproximadamente 170.000.000 no ano 2000, de acordo com dados do Censo 2000 (IBGE, 2006). Este crescimento nas últimas décadas vem contribuindo para a transformação na fisionomia urbana.

Em 1995, a Fundação João Pinheiro de Belo Horizonte divulga o déficit habitacional no Brasil de 5,5 milhões de moradias, sendo 4 milhões em áreas urbanas e 1,6 milhões em áreas rurais. O déficit apontava para um quadro de 22 milhões de pessoas morando em habitações precárias em todo país.

A periferia formada pela população excluída de infra-estrutura e serviços busca adequar-se ao meio em que está inserida, mesmo privada das praticidades e oportunidades que o centro urbano oferece. Os traços mais marcantes da urbanização periférica podem ser identificados pela tendência à concentração espacial e veloz ritmo de crescimento.

Na periferia da economia-mundo, as redes urbanas nacionais e regionais tendem a apresentar grandes aglomerações no ápice da estrutura urbana, convivendo com uma pulverização de núcleos urbanos, a maioria desprovidos dos mais elementares equipamentos. Tudo flui para os centros dos sistemas racionais ou regionais, os quais dificilmente possuem condições para responder ao volume da demanda por serviços. O grande excedente de população frente ao mercado formal de trabalho ilustra a situação precária desse modelo macrocéfalo (MORAES, 1995).

Nas cidades latino-americanas, a população urbana é em geral, superior à capacidade produtiva do sistema. A demanda por empregos e serviços supera muito a oferta existente e, por consequência a segregação social se acentua. Para Santos (1981),

há diversas cidades dentro da cidade, produzidas pelas várias classes sociais e percebidas na paisagem pelas características habitacionais e de serviços encontradas nos bairros. Assim, a cidade como organismo vivo incorpora o passado e o presente, representados pelo patrimônio imobiliário e pelos elementos móveis e transitórios formados pela gente e seus meios de subsistência.

Pode-se citar a cidade de São Paulo como um exemplo de cidade que, por muito tempo, foi e ainda é responsável por receber migrantes e imigrantes, sendo este fato muito relevante no desenvolvimento da cidade, no processo de periferização e na caracterização de sua fisionomia urbana.

## *Qualidade Ambiental Urbana*

A alta concentração populacional e a demanda de serviços maior que a demanda de emprego ocasiona graves disparidades sociais que levam a construções habitacionais inadequadas em locais com infraestrutura deficiente ou áreas ambientalmente protegidas, resultando em degradações ambientais visivelmente percebidas pela cidade e sua população.

Se por um lado a tendência a urbanização apresenta um desafio para os técnicos, administradores e planejadores, a concentração humana e das atividades a ela relacionada provoca uma ruptura do funcionamento do ambiente natural (CAVALHEIRO, 1991).

Segundo Surtees (1971) apud Sukopp e Werner (1991), a urbanização supõe a substituição dos ecossistemas naturais por centros de grandes densidades criados pelo homem, onde a espécie predominante é o homem e o meio está organizado para permitir sua sobrevivência.

A questão está intimamente relacionada com a qualidade de vida da população que habita a periferia da cidade, pois a expansão urbana e o desmatamento interferem diretamente no meio natural, afetando diretamente a relação do homem com o meio no qual está inserido.

As questões ambientais são alvos de estudos em diversas áreas do conhecimento, sendo papel do geógrafo e do urbanista aplicar seus conhecimentos em muitos destes estudos. Na perspectiva do geógrafo, a qualidade de vida nas cidades representa um arranjo de fatores naturais e sociais, formando uma individualidade espacial (OLIVEIRA, 1982).

Os efeitos derivados da ocupação intensiva despertam a atenção de especialistas abrangendo o âmbito nacional, regional e local.

A estrutura urbana se define como um processo dialético entre os dois extremos da estratificação social: a da classe alta e a das classes de menor poder aquisitivo. Cada uma delas tenta definir um espaço próprio e muito separado um do outro. Os estratos chamados médios não têm espaço particular, característico, ainda que sempre procurem seguir de perto os bairros de maior poder econômico (LEMONS, 1991).

Segundo Lombardo (1995)

a apropriação do solo urbano para finalidades individuais, em oposição aos interesses coletivos, tem determinado a forma como se organiza e transforma a natureza urbana. Na maioria das vezes, o resultado é uma paisagem urbana biologicamente estéril e esteticamente deprimente. Como alternativa, torna-se necessário compreender os processos naturais no contexto urbano, suas relações com o planejamento e desenho das cidades.

É importante e considerar a capacidade do meio ambiente em absorver a violência gerada pelo homem, a saturação dos recursos naturais, a consequência das atividades econômicas e sua relevância na organização do espaço.

É nas metrópoles que os problemas ambientais geralmente atingem maior amplitude, notando-se o alto impacto no ar, na água e no solo; em consequência do uso intensivo do território pelas atividades urbanas. Além dos impactos próprios das metrópoles, as periferias são atingidas também por outros problemas ambientais como enchentes, deslizamentos de encostas e temperatura mais elevada.

A própria atmosfera sobre a cidade é sensivelmente diferente, alterando a composição do ar e os elementos do clima, (temperatura, umidade, vento etc). A análise do clima urbano deve considerar a relação entre a natureza física e humana e sua representação espacial a fim de constituir estudos para subsidiar o planejamento urbano. Enquanto o clima urbano é modificado nos grandes centros devido às derivações antrópicas produzirem uma cobertura de concreto e asfalto edificada sobre o sítio urbano, nas

periferias o clima urbano é modificado pelo desmatamento e uso irregular do solo.

Em climas tropicais úmidos, a combinação de alta temperatura e alta umidade é a principal causa do “stress” do homem. Em particular nas áreas urbanas onde as ilhas de calor dos centros urbanos causam uma diminuição da ventilação natural, através da redução na velocidade dos ventos, a alta umidade experimentada em climas tropicais requer um planejamento da estrutura urbana das cidades (NIEUWOLT, 1989).

Segundo Lombardo (1995)

[...] a expansão de áreas urbanas têm se disseminado por todo o mundo. Esta expansão gera graves problemas sócio-econômicos, ecológicos e problemas ambientais, de difícil solução para a sociedade, em particular, os problemas relativos a qualidade da área urbana onde os componentes do clima têm grande importância.

É importante conhecer as modificações causadas por construções e pela retirada da camada vegetal nas cidades, e como estes fatores interferem na qualidade de vida da população. É possível verificar na cidade, áreas mais privilegiadas como bairros de alto padrão, onde é notável maior índice de vegetação, menor densidade de construções e população.

Enquanto nas áreas nobres e valorizadas tanto dos centros quanto das periferias urbanas ricas o que se vê é uma natureza trabalhada e bem cuidada – tanto sob a forma de jardins ingleses, franceses ou bosques e lagos, um lugar para passeio e exibição, um lugar de prestígio -, nos bairros menos abastados, nas vilas, nos conjuntos habitacionais e nas periferias pobres, a natureza bruta (ou o mato?) e ainda “não controlada”, faz-se presente, trazendo enchentes, inundações, doenças... (HENRIQUE, 2006, p. 69-70)

Em São Paulo, pode-se notar estes fenômenos no Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulista, Alto de Pinheiros. Ao contrário do que ocorre nas periferias, onde a concentração populacional e de edificações de qualidade inferior são surpreendentemente altas, e a área de vegetação é praticamente inexistente ou não planejada.

### *Urbanização na América Latina*

Na América Latina, o verdadeiro processo de metropolização ocorre a partir da década de 50. Depois da Segunda Guerra Mundial, os países latino-americanos vivenciaram, como os demais países capitalistas, um período de grande crescimento econômico e social, caracterizado pelo desenvolvimento do setor industrial nas principais cidades. Nesse período, ganham expressão os fatores elementares da urbanização nos países da América Latina e, ao mesmo tempo, suas principais contradições e conflitos (LEMOS, 1991).

O desenvolvimento do setor industrial alimenta um crescimento da renda de parcelas qualificadas da população, as quais respondem em grande parte, por novas funções e desenho assumidos pela cidade. Concomitantemente, com a transformação da estrutura agrária, uma porcentagem significativa da população migra para as cidades. Há uma proliferação urbana desta população, principalmente em cortiços nos grandes centros, nas periferias das cidades, em assentamentos em terras públicas, apresentando um cenário cada vez mais crescente de marginalização urbana. Os locais ocupados, em geral são de difícil ocupação por problemas de falta de manutenção em prédios e infra-estrutura como é o caso dos cortiços; e problemas ocasionados por ocupação em áreas de riscos como margens inundáveis e áreas de escorregamento.

A partir de 1950, o crescimento urbano e metropolitano da América Latina sofre uma interna e

profunda segregação territorial tanto nos aspectos do meio físico como no nível de qualidade de vida.

No Brasil é expressivo o ritmo de crescimento urbana da década de 70. Em 1970 cerca de 56,8% da população já se concentrava nas cidades, principalmente naquelas com população de mais de 50.000 habitantes (Santos, 1995). Desde então, o Brasil caracteriza-se por um elenco de cidades em alto grau de hierarquização e atinge em 1991 um total de 77,13% de urbanização. O Censo Demográfico de 2000 (IBGE) mostra que aproximadamente 80% dos brasileiros vivem na cidade.

#### *Urbanização na cidade de São Paulo (Brasil)*

A cidade de São Paulo no começo do século XX teve características semelhantes a outras cidades brasileiras. Com a industrialização, a cidade explodiu em crescimento, exigindo uma reorganização dos sistemas produtivos. Na década de 20, a implantação de vilas operárias garantia força de trabalho para as indústrias próximas e foi uma forma de organização espacial caracterizando o meio urbano. Assim, o centro urbano se configura baseado nestas primeiras vilas, que mais tarde, se desenvolvem sendo dotados de comércio, serviços e pontuais infra-estruturas. A cidade de São Paulo começa a caracterizar-se como metrópole industrial após 1940 com as políticas desenvolvimentistas que contribuíram para a industrialização no país, atraindo migrantes de outros estados brasileiros, como é o caso dos estados nordestinos, ocasionando processos de migração interna.

Com o crescimento da população sem a infra-estrutura adequada, somada a falta da absorção da mão-de-obra desqualificada pelo mercado trabalho, a cidade de São Paulo abriga a população marginalizada, acentuando visivelmente a discrepância social.

Os bairros mais ricos concentram-se em áreas reduzidas das metrópoles. Há uma intensa mobilidade de investimentos que são capazes de concentrar nestas áreas, novos centros urbanos dotados de comércios, centros financeiros e gestacionais.

A periferação formada pela população afastada por falta de recursos e qualificação profissional difere daquela formada pelo deslocamento da classe média ou alta que busca evitar algumas desvantagens do centro urbano como congestionamentos, poluição, exaustão espacial entre outros. Exemplos significativos que se destacam são os bairros paulistanos de classe alta do Jardim América, Jardim Europa, Morumbi e os condomínios fechados de Alphaville que criam seu próprio centro de comércios, serviços e podem usufruir benefícios próprios como transportes individuais caso necessite se deslocar.

O processo de segregação espacial ocorre, não somente com relação às construções de mansões e na verticalização, mas também no índice de vegetação que é alto e na qualidade ambiental que é considerada satisfatória. Por outro lado, os bairros de população de baixa renda sofrem uma escassez de espaços livres e de recreação, com quase ausência de áreas verdes. Os equipamentos culturais são claramente escassos e a distância espacial reforça os efeitos da distância social à cultura predominante.

[...] o próprio termo periferia tem uma conotação pejorativa que deixa de ser uma área circundante ao centro para ser a localização da miséria e de carência de todos os serviços. A partir da década de 80, a pobreza e a miséria não abandonam as áreas periféricas, mas também se movimentam para as áreas centrais... (LEMOS, 1991)

A classe alta tende a manter sua posição e prerrogativas na comunidade e na sociedade, tendo rápido acesso aos recursos do poder governamental e educacional. Esse grupo econômico tem escolhido áreas segregadas, ocupando os espaços mais favorecidos no que se refere à qualidade ambiental e facilidade de transportes, buscando distanciar-se de lugares inóspitos. A classe alta tem ocupado as áreas mais desejáveis da cidade em termos de vantagens ambientais, os lugares elevados, com melhores condições climáticas, solos mais férteis, concentração de áreas verdes e facilidades de infra-estrutura de serviços. As classes mais baixas têm sido relegadas aos lugares menos desejáveis, enquanto a classe média tem tido a tendência de ocupar as zonas de transição entre estes dois grupos, muito embora procurem seguir os padrões das classes altas quanto à localização das áreas residenciais.





ou nas proximidades de reservatórios d'água, as temperaturas sofrem declínios acentuados. Isso pode ser explicado tendo em vista que a maior quantidade de vegetação implica em mudança do balanço de energia, já que as plantas, através do processo de fotossíntese e transpiração, absorvem a radiação solar. Do mesmo modo, as massas d'água interferem no balanço de energia, em função de sua alta capacidade calorífica, bem como do consumo de calor latente pela evaporação (LOMBARDO, 1995).

A construção das habitações também interfere no cotidiano e na qualidade de vida da população. São construídas na maioria das vezes com materiais de baixa qualidade, com madeiras e materiais reutilizados. Sua estrutura pode ficar comprometida desde a sua execução, principalmente por não se ter conhecimento do solo onde está instalada. O espaço não é planejado, se constrói onde é possível em pouco tempo, são aumentadas e reformadas sem planejamento devido ao aumento da família (Figura 3). A área verde permeável que deve obedecer a uma porcentagem mínima é totalmente comprometida, sendo que muitas vezes, em loteamentos clandestinos nem chegam a ser obedecidas.

Todos estes fatores somados resultam em baixa qualidade de vida para a população que vive afastada dos serviços, infra-estrutura e eventos culturais; partilham dos problemas ambientais causados pela metrópole e sofrem com o desconforto térmico e riscos ocasionados pela ausência de áreas verdes, construções irregulares e de baixa qualidade.



Fonte: Larissa Lucciane Volpe, 2006.

**Figuras 3:** Fotos do Bairro Guarapiranga na zona Sul de São Paulo

A ocupação de áreas de mananciais começou a acontecer por volta de 1960 devido à industrialização que atraía pessoas para suas proximidades. O poder público, no início da década de 70, elaborou um Programa de Proteção aos Recursos Hídricos na tentativa de frear o crescimento urbano em áreas de mananciais. Silva (2003) salienta como resultado deste programa a não verticalização habitacional e o

impedimento de indústrias no local. No entanto, a falta de fiscalização facilitou a ocupação descontrolada da área.

Atualmente, cerca de 550 mil pessoas vivem em habitações de baixa qualidade e em loteamentos irregulares, prejudicadas pela falta de rede de esgoto, problemas de abastecimento de água e energia elétrica, doenças trazidas por acúmulo de lixo em locais impróprios, pela falta de espaços livres e escassa vegetação. É notável que a instalação de infra-estrutura e serviços não acompanhou o crescimento populacional, nem ocasionou um desenvolvimento econômico adequado para a região.

No início da década de 90, foi implementado um Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga pelo Governo Estadual e o Poder Público de São Paulo visando uma reformulação de programas ambientais na área da Bacia devido às ocupações irregulares e a falta de infra-estrutura e serviços. O programa chegou ao bairro Guarapiranga por meio de sub-projetos que dividem o bairro em lotes, tendo como objetivo construir um espaço para habitação que proporcione melhor qualidade de vida para os moradores, buscando abrigar famílias com melhor qualidade de vida. Segundo Silva (2003), pode-se notar três tópicos interessantes no programa no que tange o assunto áreas verdes e qualidade de vida: estabilização de encostas, sistemas de drenagem, repovoamento vegetal nas margens das represas e faixas de domínio público, recuperação de matas ciliares, arborização urbana e a implantação de parques.

O programa, no que se refere a urbanização, deveria ordenar a ocupação do território, contudo teve resultados apenas pontuais e satisfatórios, como mostra Silva (2003) em seu trabalho sobre a Favela “Sete de setembro” no bairro do Guarapiranga. Observa-se que na prática, de maneira geral, o programa ainda necessita de novos resultados para alcançar seu objetivo. Reforça-se a importância dos programas ambientais realizados no local passarem por novas adequações e reformulações com a participação da população, de acordo com as verdadeiras necessidades do bairro.

Nota-se que os moradores não estão esclarecidos sobre a importância de um planejamento para implantação de áreas verdes para a qualidade de vida no bairro, como prevenção de processos erosivos, de inundações ou diminuição da temperatura em dias quentes. O mesmo ocorre com a falta de informações sobre as consequências da ocupação irregular em áreas de mananciais. Estes fatores mostram a importância de informar e elucidar a população sobre fatores ambientais para que esta possa ter uma participação ativa e eficiente em qualquer programa ambiental implementado na região.

### *Urbanização na cidade de Bogotá (Colômbia)*

A cidade de Bogotá é capital da República da Colômbia, país vizinho do Brasil (Figura 4), e sua área metropolitana tem uma população de aproximadamente 7,5 milhões de habitantes. Situa-se a uma altitude de 2.640 metros e tem uma área de aproximadamente 1.730 Km<sup>2</sup>.

Até início dos anos 70, a Colômbia tinha uma política conhecida como “Estado de Bem-Estar-Social”, onde o Estado era atuante na vida de seus cidadãos. A ação burocrática estatal trouxe para a história do país a construção de mecanismos incluídos para os setores sociais por meio de sistemas legais.

A expansão do “Estado do Bem-Estar Social” interferiu na vida da população com sua atuação que concedia benefícios principalmente aos trabalhadores qualificados e funcionários públicos. O impacto do desenvolvimento, e adicionalmente os efeitos da violência política que foi desencadeada desde na década de 1950, afetou diferentemente os mais pobres, que deixaram as atividades produtivas no campo e foram para as cidades. A massa de imigrantes camponeses formou a classe trabalhadora e a precariedade do desenvolvimento produtivo foi inferior a esta massa, o que ocasionou numa população marginalizada da sociedade, que se situou entre a produção e sua fronteira, inventando modos de subsistência, dando lugar a informalidade na economia. Assim, inicia a ocupação de prédios e espaços informais que origina os bairros de invasão, supondo formas de organização social distintas direcionando o tipo de ocupação, sempre com um número suficiente de famílias capazes de resistir às evacuações e organizarem-se em comunidades para lutar por seus direitos. A categoria de comunidade adquire força e divide os mecanismos

de gestão do Estado. Uma parte das políticas sociais é realizada por organizações formais e a outra continuava de competência da função pública.



Fonte: <http://images.google.com.br/imgres>

**Figura 4:** Localização da cidade de Bogotá

A década de 80 foi marcada por uma política que se instaurou um mercado global como único na economia mundial através do Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Um só modelo de produção que forçou todas as nações a posicionarem-se dentro de uma hierarquia. Isso acarretou em parte, novas relações entre centros e periferias, onde os centros obtêm a posição de territórios idôneos para valorização de seus produtos, junto com o domínio das vias de circulação. E as periferias, por sua vez, dirigiram-se a valorizar sua própria mercadoria, usufruindo as rotas dos centros (Figura 5). Deu-se início então, uma guerra que derrubou a anterior organização. Tal fase acompanhou uma grande crise capitalista, onde os blocos regentes suprimiram suas subvenções às periferias<sup>1</sup>.

A cidade de Bogotá, conforme Mariño (2007, p. 3-5), constitui-se num espaço de atração, cujo fluxo populacional crescente vindo de todas as partes da Colômbia, buscam materializar melhores condições de vida em termos de educação, lazer, saúde etc. Contudo, grande parte deste afluxo é composto por grupos de população de baixa e média renda que se incorpora à periferia já constituída da cidade de Bogotá ainda carentes de infra-estruturas e serviços públicos básicos para a formalização deste espaço marginalizado. O mesmo processo que ocorre na zona sul da cidade de São Paulo pode ser observado na zona sul da cidade de Bogotá, onde ocupações irregulares ocupam grande parte do solo urbano (Figura 6).

As razões para as migrações internas encontram-se no bojo das questões acerca de violência, pobreza e desemprego, sendo que esta situação gerou um crescimento urbanístico caracterizado pela ausência de planejamento (Figura 7 e 8).

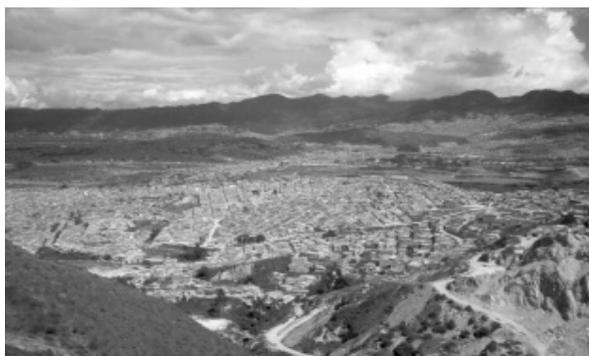


Figura 5: Zona Sul de Bogotá

Fonte: Jair Preciado



Figura 6: Periferia da Zona Sul de Bogotá



Figura 7: La Libertad (periferia de Bogotá)<sup>2</sup>

Fonte: Willie Heinz



Figura 8: Ciudad Bolívar ao sul de Bogotá.

Fonte: Jair Preciado

[...] o crescimento dos delitos e homicídios em Bogotá nos anos 90 fez com que a administração distrital tomasse maior partido do tema, implementando políticas que lograram avanços reconhecidos na atualidade como uma experiência sustentável exitosa em âmbito internacional... criado de uma cultura menos violenta e mais aberta a convivência. De outro lado, implementaram-se políticas para melhoramento dos espaços urbanos, dado descuido do mal uso dos mesmos associado a presença da delinqüência e violência... desta maneira, se realizaram grandes obras de infra-estrutura (rede de bibliotecas, parques, outros) e a recuperação de espaços deteriorados (VELASQUEZ et al, 2007, p.4)

Na última década, as ações para reversão da situação instaurada geraram políticas públicas na área de segurança, transporte e cultura que estão em fase de implantação e desenvolvimento. A questão de segurança, por exemplo, foi além das forças policiais, adotando o acesso à cultura como base para a formação do cidadão. Tais programas começam a trazer retornos positivos para a sociedade, podendo ser tomados como referência para outras metrópoles latino-americanas que partilham da mesma realidade.

### *Considerações Finais*

Este artigo buscou uma reflexão entre o processo de ocupação e as realidades das cidades de São Paulo e Bogotá. Uma aproximação comparativa destas capitais nas questões sobre a formação da periferização das metrópoles, envolve as migrações internas, a exclusão social resultante de uma mesma origem, as desigualdades sociais e estruturais aliadas a uma carência de políticas públicas e um planejamento territorial negligente que ignora a responsabilidade de construção de ambientes mais habitáveis para as populações menos favorecidas. Estes problemas enfrentados se fazem presentes e atuais não só nestas cidades como outras metrópoles latino-americanas.

Tanto a periferia de São Paulo, como a de Bogotá foram formadas em decorrência dos afluxos populacionais internos de zonas rurais e outros estados, que buscavam melhores condições de vida nos

centros de atração, já saturados e com problemas de desemprego e violência generalizados.

A população carente procura novas formas de ocupação e sobrevivência na economia informal, habitando em moradias precárias, tendo a autoconstrução unida a periferização como solução para parte de seus problemas sociais. A aproximação da cidade formal com a informal só será possível mediante a constituição de políticas públicas de caráter preventivo e de controle, que fortaleça a força policial fazendo com que esta seja capaz de cumprir seu papel, bem como mecanismos de resolução de conflitos socioeconômicos, políticos e ambientais.

A abrangência das conseqüências da marginalização ultrapassou os muros da cidade 'ilegal' e alcançou a sociedade de forma geral criando cenários insustentáveis. A partir desta realidade, as esferas público-privadas e sociedade nos últimos anos vêm unindo esforços visando à transformação destes espaços.

Os programas ambientais implementados na zona sul de São Paulo, no bairro do Guarapiranga, visando a melhoria da qualidade de vida da população excluída e carente, teve resultados pontuais positivos, como por exemplo, o programa de urbanização, que resultou em melhorias na rede de águas pluviais, na rede coletora de esgoto, e a pavimentação na favela 7 de Setembro, conforme indica Silva (2003).

Entretanto, numa visão geral, nota-se que ainda é necessário a implementação de novos sub-projetos e reformulações, com o auxílio da população mais esclarecida sobre problemas e soluções ambientais, para complementar os resultados já alcançados.

A periferia carente da cidade de Bogotá passa atualmente por projetos, principalmente no setor de segurança, transporte e cultura também visando uma melhoria na qualidade de vida população. Dados atuais mostram que os programas apresentam resultados positivos, repercutindo para toda a cidade, como por exemplo no que se refere à criminalidade, queda de taxas de homicídio em 70% em 10 anos (ACERO, 2006).

Pelo processo de urbanização e periferização serem similares nos dois países estudados e apresentarem o mesmo cenário de desigualdades sociais, os programas e sub-programas que obtém resultados positivos podem servir como base para novas implementações nos dois países. O mesmo pode ocorrer em outros países latino-americanos que apresentam cenários parecidos, subsidiando políticas públicas locais na melhoria da qualidade de vida da população.

### *Agradecimentos*

Agradecemos ao Doutorando em Geografia da Unesp de Rio Claro Jair Preciado pela leitura do texto e pelas fotos de sua cidade Bogotá.

### *Referências Bibliográficas*

- ACERO, H. **Como Bogotá conseguiu melhorar sua segurança**. Bogotá: 2006. Disponível em: <http://www.comunidadessegura.org>. [16 novembro 2006]. Acesso em: 11 mai 2007.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em <http://www.ibge.br>. Acesso em: 21 jan. 2007.
- BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global**: esboço metodológico. Trad: Olga Cruz. São Paulo: IGEO/USP, 1971. 13:1-27.
- CAVALHEIRO, F. **Urbanização e alterações ambientais, Análise ambiental**: uma visão multidisciplinar. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1991.
- COPSTEIN, G. O estudo geográfico de uma cidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 1987, p. 33-38.
- HENRIQUE, W. A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **Geosp**. n. 20. São Paulo: 2006. p. 65-77.
- LEMOS, A.I.G. América Latina, uma realidade de cidades gigantes. **Polis**, nº 3, 1991.
- LOMBARDO, M.A. **Ilha de calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1985. 244 p.

- LOMBARDO, M. A. *Qualidade ambiental e planejamento urbano: considerações de método*. 1995. Tese (Livre-docência em Geografia). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- MARIÑO, A. H. S. El comportamiento e la especialización de la pobreza en Bogotá durante o periodo de 1993 e 2005. **XI Encuentro de Geografos de America Latina**. Bogotá: 2007. p. 1-20.
- MORAES, A.C.R. Urbanização. In: **Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovetores de desenvolvimento**: subsídios ao planejamento da gestão ambiental. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Secretaria de Coordenação dos Assuntos do Meio Ambiente, PNMA, Brasília, MMA, 1995.
- NIEUWOLT, S. **Urban planning and building design for urban centers in the humid tropics**. Department of Geography, University of Guelph, Canadá, 1989.
- OLIVEIRA, A.P.; DIAS, P.L.S. Aspectos observacionais da brisa marítima na cidade de São Paulo. **Anais do II Congresso Brasileiro de Meteorologia**. São Paulo: 1982.
- SANTOS, M. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981. 203 p.
- \_\_\_\_\_, M. **A urbanização brasileira**. 5º Ed. São Paulo: Edusp, 2005. 176p.
- SÃO PAULO. SICCT/IPT/SNM/EMPLASA. **Cartografia geotécnica aplicada ao planejamento na Grande São Paulo**: manual de recuperação de áreas degradadas em loteamentos. São Paulo, 1986, 83p.
- SÃO PAULO. SICCT/IPT/SNM/EMPLASA. Cartografia geotécnica aplicada ao planejamento na Grande São Paulo: **Carta de aptidão física ao assentamento urbano**. Esc: 1:10.000. Guia de utilização. São Paulo, 1989, 83p.
- SÃO PAULO. EEMPLASA. **Metrópoles em dados**: Regiões Metropolitanas do Estado de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.emplasa.sp.gov.br/>. Acesso em 19 jan. 2007.
- SIERRA, D. T. et al. Formas de crecimiento urbano en Bogotá: Patrones urbanísticos y arquitectónicos en la vivienda dirigida a sectores de bajos ingresos. **Scripta Nova**. [En línea]. Bogotá: Universidad Javeriana de Bogotá, 1 de agosto de 2003, vol. VII, nº 146 (077) [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(077\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(077).htm) [03 de junho de 2007]. ISSN: 1138-9788
- SILVA, J. de S. **Urbanização de favelas e áreas de proteção de mananciais**: o caso da comunidade Sete de Setembro. Dissertação de Mestrado (Engenharia Civil e Urbana). Escola Politécnica. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SUKOPP, H. **Nature in cities**: a report and review of studies and experiments concerning ecology, wildlife, and nature conservation in urban and suburban areas by H. Sukopp and P. Werner. Strasbourg: Concil of Europe; Croton, N.Y.: Manhattan Pub. Co. (distributor), 1991.
- VELASQUEZ, M. et al. La territorialización de la política pública de seguridad ciudadana en Bogotá: el caso de la localidad de ciudad Bolívar. **XI Encuentro de Geografos de America Latina**. Bogotá: 26 al 30 de marzo de 2007. p. 1 -16.
- UGP. Unidade de Gerenciamento do Programa de Saneamento Ambiental na Bacia do Guarapiranga. Informações Gerais. **Projeto Guarapiranga**. São Paulo: 1997.

Sites consultados

**Região Metropolitana de São Paulo**. Figura 1. Disponível em: [www.emsampa.com.br](http://www.emsampa.com.br). Acesso em 30 mai 2007.

Tabalho enviado em junho de 2007

Trabalho aceito em agosto de 2007